

PEDAGOGIA HOSPITALAR

SOUZA, Gabriely Mariê Araujo de. Licenciando em Pedagogia no
Centro Universitário Internacional Uninter
RU: 2043289
SOARES, Kátia Dambiski

RESUMO

O artigo terá como objetivo compreender a pedagogia hospitalar como uma vertente da educação que busca continuar garantindo o direito de aprendizagem de crianças e adolescentes em situação de internamento. Com isso o estudo consistirá em pesquisar as áreas de atuação do pedagogo dentro da educação básica, definir o conceito de pedagogia hospitalar e quais as metodologias de ensino aprendizagem se adequam ao ambiente hospitalar, tendo como proposta identificar as demandas que esse espaço necessita, orientar e traçar métodos de ensino-aprendizagem para estes alunos, além de apresentar fontes que dialogaram com esse ambiente. A pesquisa desenvolveu-se de forma unicamente bibliográfica com aspecto qualitativo, buscando reconhecer a contribuição desses estudos para a compreensão sobre o tema. Assim, essa pesquisa traz como referências os trabalhos de Libâneo (2022), Bartnik (2012), Matos e Mugiatti (2007), Soares e Soares (2017), Rolim (2019), entre outros autores, a partir de pesquisas realizadas em artigos e livros que abordam a temática do pedagogo e a pedagogia hospitalar.

Palavras chaves: pedagogia hospitalar, saúde e educação e ambientes não escolares.

1. Introdução

O presente trabalho de conclusão de curso de graduação, Licenciatura em Pedagogia, tem como tema a Pedagogia Hospitalar.

No cenário da educação são vários os espaços de atuação do pedagogo como, por exemplo, atuando como docente na educação básica nos níveis da educação infantil (0 a 5 anos), nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) e na formação de professores a nível médio. No contexto escolar encontramos esse profissional atuando na gestão educacional onde ele se incorpora em todos os processos da instituição de ensino com a intenção de acrescentar e otimizar o rendimento e eficiência do corpo docente e da instituição como um todo. O campo de ação do pedagogo também se aplica em espaços não escolares onde ocorrem ações educativas como, por exemplo, editoras de livros didáticos, bibliotecas, brinquedotecas, espaços recreativos e entre outros, dentro dos hospitais.

A pedagogia hospitalar é, portanto, um dos espaços possíveis para o trabalho do pedagogo. No hospital, o pedagogo pode atuar no acompanhamento pedagógico de crianças e adolescentes em situação de internamento. Por conta do fortalecimento voltado aos estudos de concepção de infância, a criança e o adolescente passaram a ser vistos como cidadãos de direitos. Assim, viu-se a necessidade de atender aqueles que por motivos distintos encontram-se privados de frequentar as instituições de ensino na modalidade regular. Nesse cenário o pedagogo deve se atentar aos interesses e necessidades de seu estudante, realizando os atendimentos pedagógicos que contribuam para o desenvolvimento desse aluno. Para tal ação ser realizada de forma eficiente é importante pensar nos espaços físicos e na rotina desse ambiente.

Dentro deste contexto, a problemática desta pesquisa gira em torno da postura do pedagogo e/ou professor hospitalar. Busca-se definir sua atuação e quais metodologias são adotadas por este profissional dentro desse ambiente atípico de aprendizagem para que não existam atrasos no desenvolvimento dos educandos hospitalizados.

A justificativa para a escolha do tema se deve a curiosidade sobre o tema da pedagogia hospitalar. Esta curiosidade sobre o assunto surgiu durante a trajetória escolar no ensino médio. Nessa etapa da educação, no curso formação de docentes integrado, a grade curricular era composta por estágios obrigatórios. Em um dia de estágio a proposta da aula era conhecer a Pedagogia Hospitalar, para isso fomos até o Hospital de Clínicas de Curitiba e tivemos a oportunidade de conhecer tal vertente da educação por meio de um diálogo com os profissionais que atuavam no hospital com os discentes internados. Este fato despertou a vontade de saber mais a respeito desta área de atuação do pedagogo.

Realizando esta pesquisa o texto tem como objetivo apresentar a importância do pedagogo hospitalar, como é a comunicação entre a escola, educando e o pedagogo e metodologias viáveis dentro deste cenário.

Em relação à metodologia da pesquisa, se trata de um estudo bibliográfico de abordagem qualitativa com base nos materiais de pesquisa. O levantamento bibliográfico se trata de uma busca por textos revisados e publicados como livros e artigos científicos. Tal metodologia tem o intuito de referenciar o trabalho. A

abordagem qualitativa tem como objetivo observar fatos. Como pesquisador, é necessário pesquisar e representar a qualidade dos textos pesquisados e o contexto estudado.

Para coleta de dados e informações foi utilizado livros e busca em plataformas digitais como SciELO e Google Acadêmico. Para a busca foram utilizadas palavras-chaves como pedagogia hospitalar, educação hospitalar, saúde e educação e ambientes não escolares. Desta forma foram localizados três artigos que contribuem para essa pesquisa. Os artigos foram selecionados a partir da análise de sua linha de pesquisa, dois textos utilizaram a entrevista semiestruturada, sendo que um deles deu voz aos docentes de uma instituição de ensino hospitalar e o outro as crianças e adolescentes em situação de internamento, o terceiro texto seguiu a linha de formação e atuação dos profissionais de ensino atuantes nos hospitais.

O trabalho foi dividido em três momentos, sendo eles: 1) a definição da pedagogia e todos os seus diferentes contextos, 2) o conceito da pedagogia hospitalar e sua aplicabilidade, 3) e reflexão sobre artigos dentro do tema.

Essa pesquisa oportuniza o conhecimento desta área de atuação do pedagogo e esclarece a relevância da pedagogia hospitalar dentro da sociedade e como ela mantém o vínculo entre a criança/adolescente e a escola e o rompimento da privação de convivência social e aprendizagem.

2. O que é a pedagogia e todos os seus diferentes contextos?

A educação está em constante debate desde os primórdios da civilização humana. Ela está presente em variados ambientes da sociedade, em casa, no trabalho, na igreja, no hospital e na rua em geral. É impossível fugir da educação, pois ela nos cerca de modo que nos envolve, pois por meio dela aprendemos e também ensinamos.

A pedagogia é a ciência que tem como objeto de estudo a educação. Assim, ela pesquisa e estuda as teorias e práticas que permeiam a prática educativa, seja ela dentro da escola ou em diferentes ambientes que exista tal ação. O termo pedagogia surgiu na Grécia. Segundo Jaeger (1986), citado por Scheibe (2010), “a origem da problemática pedagógica também seria grega, com origem nos sofistas, que teriam

trazido ao plano das ideias, da sua elaboração consciente, o fazer da educação”. Assim, tal ciência busca compreender o processo educativo e os sujeitos que o envolvem. Para Libâneo (2022):

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana. Nesse sentido educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais.

Desse modo, o fazer pedagógico está em performance com a prática educativa. Desta forma, é preciso distinguir modalidades da ação pedagógica, como a educação informal, não formal e formal. A educação informal está relacionada ao meio, das relações físicas, sociais e culturais do sujeito. Tal prática educativa não está atrelada a instituições e nem são intencionais, porém resultam em conhecimentos, práticas e experiências. A educação não-formal está ligada a instituições educativas, mas que ocorre fora do sistema formal de ensino – escolas, por exemplo – de forma organizada e estruturada que pode ou não complementar o ensino regular. Um exemplo de educação não-formal são as escolas de idiomas, o indivíduo passa por um processo de ensino-aprendizagem, mas não é um processo que segue as normas da educação regular, a legislação educacional como a LDB 9394/96. Já a educação formal está diretamente atrelada às escolas, ela é institucionalizada, tem um currículo e compõe-se de conteúdos sistematizados que tem o objetivo de preparar o sujeito para atuar na sociedade. Esta pesquisa focará, de forma articulada, na educação formal (escola) e não-formal (que ocorre nos hospitais), pois está diretamente relacionada à atuação do pedagogo enquanto organizador e participante dos processos educativos.

Quando se fala da área de atuação do pedagogo existe uma vasta lista de oportunidades. Olhando para a diversidade do campo educacional o texto demonstrará o desempenho deste profissional nas práticas educativas.

No campo de ação pedagógica escolar, o pedagogo pode atuar como professor da educação básica nos níveis da educação infantil (0 a 5 anos), nos anos

iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) e na formação de professores a nível médio. Esse profissional ainda é capacitado para desempenhar a função de gestor e coordenador educacional. Ainda tendo espaço na educação especial, educação de jovens e adultos (EJA) e num diferente contexto como a educação hospitalar.

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica sendo que atende crianças de 0 a 5 anos. Essa modalidade ainda pode ser dividida em duas etapas: creche, de 0 a 3 anos, e pré-escola, de 4 a 5 anos. Essa etapa passou por diversas discussões ao longo dos anos para chegar a ser considerada uma área específica de atendimento educacional, já que seu início foi marcado pelo termo de assistencialismo. Ainda hoje não se atende 100% da demanda de crianças na educação infantil e o ensino obrigatório dessa modalidade é a partir dos 4 anos. O pedagogo, como docente nessa etapa, precisa conhecer as teorias e fases que englobam o desenvolvimento infantil, a importância do brincar e como ele se aplica no processo de ensino-aprendizagem das crianças da educação infantil.

O ensino fundamental compreende a segunda etapa da educação básica e é composto de nove anos e dividido em duas partes. A primeira corresponde do 1º ao 5º ano, e a segunda, do 6º ao 9º ano. O pedagogo pode atuar como docente apenas na primeira fase que corresponde aos anos iniciais do ensino fundamental. Segundo Soares e Soares (2017), “a importância dessa etapa da educação básica relaciona-se a alfabetização e ao letramento dos alunos, bem como, ao acesso de matemática, história, geografia, ciências, arte e educação física”.

O ensino médio corresponde a última etapa da educação básica e pode se relacionar também com o ensino profissionalizante. A área de atuação do pedagogo está inserida como docente nos cursos de formação de professores a nível médio.

Além da docência na educação básica o pedagogo pode desempenhar o papel de gestor e coordenador educacional nas três etapas da educação básica. Nesse contexto, segundo Bartnik (2012), o pedagogo precisa estar:

comprometido como uma sociedade inclusiva e com uma educação que contribua para a formação de alunos críticos e inseridos futuramente no mundo do trabalho deve, em primeiro lugar, procurar garantir as condições necessárias para a concretização da práxis educativa, considerando a natureza do trabalho pedagógico...

Sendo assim, devemos encontrar no gestor o cumprimento das determinações dos órgãos superiores do sistema de ensino, além de dedicar grande parte do seu tempo ao atendimento de formalidades burocráticas. Ele é, portanto, o maior responsável pela aplicabilidade das leis e ordem na escola. No cenário de coordenador pedagógico é necessário atentar-se as demandas relacionadas aos objetivos educacionais. Os professores devem ter suporte para a melhora do seu desempenho na sala de aula – metodologia, conteúdos, organização do trabalho pedagógico e/ou classe – ou seja, vincular os conhecimentos teóricos pedagógicos com a prática em sala de aula.

A educação especial de acordo com Soares e Soares (2017) é uma modalidade considerada transversal a todos os níveis, etapas e modalidades de ensino. Sendo assim ela se desenvolve desde a educação infantil até o ensino superior. O trabalho do pedagogo nessa vertente se estabelece na necessidade de que todas as instituições de ensino abordem a educação especial em seus projetos políticos pedagógicos, pois os alunos da classe especial devem, preferencialmente, frequentar escolas regulares de ensino.

A educação de jovens e adultos (EJA) destina-se a todos aqueles que não frequentaram a escola durante a idade prevista pela LDBEN para a realização do ensino fundamental e médio. O pedagogo atua como professor com aqueles que necessitam cursar os anos iniciais do ensino fundamental e também como coordenador. Essa modalidade exige uma organização diferente da regular, pois as pessoas que a procuram têm suas especificidades e precisam se sentir acolhidas pelo ambiente escolar. Soares e Soares (2017), diz que “é necessário discutir currículo, metodologia de ensino, formação das turmas, utilização de materiais próprios e específicos, formas de avaliação, uma vez que as turmas de EJA são indiscutivelmente heterogêneas em sua formação”.

A educação hospitalar ou pedagogia hospitalar por sua vez atende a criança e o adolescente em situação de internamento ou em atendimento domiciliar, que por motivos de doença não podem frequentar a escola regular. Matos e Mugiatti (2009), dizem:

todos tem direito à escolaridade; mas, para isso, é necessário criar as necessárias condições nos grandes hospitais pediátricos ou outros hospitais que tenham crianças e adolescentes em idade de escolarização hospitalizados. Portanto, é importante buscar, para essas atividades, educadores especializados e competentes no plano pedagógico.

Sendo assim, a pedagogia no espaço hospitalar não pode ser separada de um projeto político pedagógico adequado a tal modalidade.

2.1 Pedagogia hospitalar.

A primeira classe hospitalar que se tem registro ocorreu na França durante o período da Segunda Guerra Mundial. Inaugurada por Henri Sellier, prefeito da cidade de Suresnes, para atender crianças e adolescentes em idade escolar que haviam sido vítimas dos acidentes resultantes da guerra.

Mesmo após pouco menos de cem (100) anos, ao abordar o tema educação nosso primeiro reflexo é imaginar as instituições regulares de ensino, em que o aluno vai até a escola tem uma sala, vários colegas, a professora e um ambiente próprio para a sua aprendizagem. Entretanto, existe uma parcela das crianças e adolescentes que não frequentam o ensino regular por motivos de enfermidades, neste contexto que compreendemos onde a pedagogia hospitalar se enquadra. Refletir sobre adoecimento no período da infância e adolescência precisa levar em consideração todas as particularidades que o adoecimento carrega e o contexto social dos sujeitos. “É adentrar em ambiente de dores e sofrimentos provocados pela própria enfermidade, pelo tratamento, como também, pelas incertezas biológicas e sociais que a doença carrega consigo.” (ROLIM, 2019). Quando a internação é necessária, a criança e/ou adolescente inserem-se em rotinas diferenciadas, sendo isolados do convívio familiar em casa e da rotina habitual. O que lhe era conhecido é raptado e em seu lugar entra a rotina do hospital.

A hospitalização atende as normatizações e os protocolos médicos, procedimentos que o paciente necessita seguir em busca do restabelecimento da saúde. Esses procedimentos apresentam objetivos fundamentais, tratam do cuidar e buscam a subsistência humana, a continuidade da vida. Porém, as perdas de referências e de espaços, abalam o sentimento de identidade, favorecendo o desenvolvimento de um processo conhecido como despersonalização. Situação que pode ocorrer em qualquer fase do

desenvolvimento humano, mas que consegue ser devastadora quando atinge a criança, ou seja, uma personalidade em fase inicial de construção. (ROLIM, 2019).

Esse processo de despersonalização ocorre quando a doença ocupa o lugar principal na vida do internado. Claro que é de extrema importância o tratamento e recuperação, mas quando se é visto apenas de um ângulo – doente – a criança e o adolescente se perdem na construção da sua identidade, tem sua vida cotidiana suspensa.

Sendo assim, Rolim diz que “tratar de problemas relacionados à saúde não elimina a responsabilidade de oportunizar os processos educacionais. Educação e saúde se encontram por meio da pedagogia hospitalar, processo que objetiva preservar os direitos da criança independentemente do espaço ou situação que ela vivencie.” (ROLIM, 2019). Faz-se necessária uma vertente que atenda as necessidades e os direitos da criança e do adolescente que se encontra impossibilitado de frequentar a escola regular. Nesse sentido, a pedagogia hospitalar busca entregar a atenção que o desenvolvimento educacional precisa se adequando e conversando com as rotinas de tratamento. A educação e a saúde precisam dessa aproximação para o benefício próprio da criança e do adolescente.

Ressalta-se também que é válido considerar que a “construção do saber implica, necessariamente, na comunicação entre professores e alunos. A exploração, o diagnóstico e o tratamento da criança (ou adolescente) hospitalizada exigem, de forma efetiva, a comunicação entre a equipe de saúde e a criança/adolescente hospitalizados. Ambos os tipos de comunicação não se sobrepõem, pois têm perfis e características muito diferentes de acordo com suas finalidades e funções a que se dirigem, por meio de cada uma das seletivas atividades que se integram em suas respectivas profissões.” Ainda que tenham a comunicação como elemento comum entre si, as práticas médicas e educacionais se diferem em seus objetivos e especificidades de tratamento e organização.

Além do aluno/paciente, a Pedagogia Hospitalar busca oferecer suporte e atendimento pedagógico tanto para o discente quanto para a família, buscando

promover atitudes educativas que colaborem como o efetivo envolvimento com o aluno enfermo e o ambiente.

Este enfoque educativo e de aprendizagem deu origem à ação pedagógica em hospitais pediátricos, nascendo de uma convicção de que a criança e o adolescente hospitalizados, em idade escolar, que não devem interromper, na medida do possível, seu processo de aprendizagem, seu processo curricular educativo. Trata-se de estímulo e da continuidade dos seus estudos, a fim de que não percam seu curso e não se convertam em repetentes, ou venham a interromper o ritmo de aprendizagem, assim dificultando, conseqüentemente, a recuperação da sua saúde. A necessidade de continuidade, exigida pelo processo de escolarização, é algo tão notório que salta à vista dos pais, professores e mesmo das próprias crianças e adolescentes. (MATOS e MUGIATTI, 2009)

Assim, o objetivo é manter e robustecer o processo de ensino-aprendizagem das crianças e adolescentes em idade escolar mediante propostas desenvolvidas pelos professores, a fim de garantir o direito de acesso à educação do educando que se encontra hospitalizado e necessita manter seu desenvolvimento intelectual, além de interações e convívio com sua antiga rotina (fora do hospital). "Nesta perspectiva, a atenção pedagógica, mediante a comunicação e diálogo, é essencial para o ato educativo e se propõe a ajudar a criança (ou adolescente) hospitalizada para que, imerso na situação negativa que atravessa no momento, possa se desenvolver em suas dimensões possíveis de educação continuada, como uma proposta de enriquecimento pessoal." (MATOS e MUGIATTI, 2009).

A prática pedagógica no contexto hospitalar se construiu em um espaço diferente, em que os planos de aprendizagem se distanciam da rotina escolar do discente. Matos e Mugiatti (2009), diz:

A condição da aprendizagem, em situação que difere do cotidiano de uma escola formal, requer uma visão mais ampla do profissional, demandando práticas pedagógicas que superem a ortodoxia dos processos atuais. Essa prática deve distanciar-se do cartesianismo que, por sua vez, rompe com a unidade corpo-mente. (MATOS e MUGIATTI, 2009).

O trabalho do pedagogo/educador em um ambiente atípico de educação exige desse profissional uma postura que vise contemplar o todo dentro do universo de possibilidades que a educação lhe oferece. O "educador deve estar de posse de habilidades que o faça capaz de refletir sobre suas ações pedagógicas, bem como de poder ainda oferecer uma atuação sustentada pelas necessidades e peculiaridades de cada criança e adolescente hospitalizado." (MATOS e MUGIATTI, 2009).

Para uma pedagogia hospitalar necessita-se encontrar um novo perfil educacional, pois essa vertente da educação exige profissionais que tenham em mãos uma abordagem progressista, visualizando a realidade do ambiente e do discente enfermo como um todo. "Seu papel principal não será o de resgatar a escolaridade, mas de transformar essas duas realidades, fazendo fluir sistemas que as aproximem e as integrem." (MATOS e MUGIATTI, 2009).

A interdisciplinaridade se torna uma aliada indispensável nesse diferente contexto educacional. Matos e Mugiatti (2009), dizem:

O objetivo precípua da intervenção médica é o restabelecimento da saúde física. A intervenção psico-sociopedagógica, por sua vez, visa à aquisição de certas aprendizagens direta ou indiretamente relacionadas à manutenção e aos cuidados, também preventivos, com a saúde, em suas vertentes psicológicas e sociais. Esta finalidade terapêutica da intervenção integrada exige, entretanto, a aplicação de procedimentos específicos, em contribuição de natureza complementar, em permanente interação e unicidade de objetivos, em benefício da criança ou adolescente em situação de enfermidade/hospitalização.

Por outro lado essas práticas da Pedagogia Hospitalar nos remetem a falta de profissionais especializados para a atuação com os alunos de classes hospitalares. "Acredita-se haver necessidade de específica habilitação para o atendimento não só ao escolar doente/hospitalizado em tempo de internação, mas também em situação de recuperação em ambiente domiciliar" (MATOS e MUGIATTI, 2009).

2.2 Os textos pesquisados

A busca dos textos sobre o assunto desta pesquisa em plataformas digitais como SciELO e Google Acadêmico com palavras chaves como pedagogia hospitalar,

educação hospitalar, saúde e educação e ambientes não escolares, foram selecionados 10 artigos relacionados ao tema. Após leitura e análise dos mesmos foram favorecidos um número de três artigos, sendo estes:

1. Crianças e adolescentes cronicamente adoecidos e a escolarização durante a internação hospitalar;
2. As vozes das professoras na pedagogia hospitalar: Descortinando possibilidades e enfrentamentos;
3. A escuta pedagógica à criança Hospitalizada discutindo o papel da educação no hospital.

A respeito de cada artigo selecionado serão destacados os pontos principais, no sentido de colaborar com o entendimento da importância da pedagogia hospitalar e do papel do pedagogo que atua nesta área.

O artigo 1, “Crianças e adolescentes cronicamente adoecidos e a escolarização durante a internação hospitalar” das autoras Mayara Kelly Moura Ferreira, Ilvana Lima Verde Gomes, Sarah Vieira Figueiredo, Maria Veraci Oliveira Queiroz e Viviane Peixoto dos Santos Pennafort, trata sobre uma pesquisa desenvolvida em um hospital referência em pediatria em Fortaleza – CE, no ano de 2013. As autoras elencaram duas vertentes para o seu desenvolvimento, sendo elas: a percepção das crianças e adolescentes hospitalizados acerca da sua educação; e o “distanciamento entre teoria e prática na escolarização de crianças e adolescentes hospitalizados”.

Como visto anteriormente, as autoras dizem que “a hospitalização na vida da criança e do adolescente traz um misto de sentimentos como tristeza, dor e esperança”. Explicam que a dor e a tristeza ocorrem devido à separação da rotina que essa criança e adolescente se sentiam pertencentes. Porém, ainda se tem a esperança por dias melhores onde tudo volte a ser o que era antes, sua cura e melhora.

Com a internação, surgem alguns aspectos desestruturantes para a criança e o adolescente, como a separação do lar e do convívio familiar, além dos procedimentos terapêuticos que podem agredir física e emocionalmente. Somado a isso está o fato de a rotina hospitalar muitas vezes não se adequar às suas necessidades de crescimento físico e, cognitivo, social e biológico, por se constituir frequentemente em um ambiente planejado para a realização dos procedimentos assistenciais, sem ter em vista o bem-estar físico e

mental dos seus pacientes. (FERREIRA, GOMES, FIGUEIREDO, QUEIROZ, PENNAFORT, 2013)

Desse modo, a pedagogia hospitalar é uma forma de atender esses estudantes em situações de internamento em hospitais ou em tratamento domiciliar, para a plena garantia do seu direito a educação. “Desse modo, destaca-se que a hospitalização não deve ser vista como um rompimento do elo entre a criança/adolescente e a escola, nem a perda do direito de estudar”.

Visto isso, as autoras estabeleceram os seguintes critérios para a pesquisa/entrevista:

Participaram oito crianças e adolescentes com condição crônica de adoecimento internados na instituição pesquisada. Os critérios de inclusão foram: ter no mínimo oito e no máximo 19 anos, idade mínima estipulada para que os participantes compreendessem efetivamente os questionamentos das entrevistas; estar matriculado no ensino fundamental ou médio, ou já ter frequentado a escola; estar há no mínimo uma semana internado, de forma a se afastar do ambiente escolar, ter diagnóstico de doença crônica há mais de dois anos; ter mais de uma internação por ano, nesses dois anos de diagnóstico. (FERREIRA, GOMES, FIGUEIREDO, QUEIROZ, PENNAFORT, 2013)

As autoras buscaram estabelecer por meio dos relatos das crianças e adolescentes suas percepções e sentimento acerca da sua condição de estudante e ao mesmo tempo hospitalizado. Em dos relatos o entrevistado demonstra como essa situação e ruptura em sua vida lhe causam tristeza. Perceptível nas frases “é bem chato estar aqui” e “uma vontade de chorar porque quer ir logo para fora”. Essa distância da vida cotidiana ocasiona sofrimento as crianças e adolescentes que já se encontram em vulnerabilidade decorrente de uma doença. Essas mudanças repentinas, os procedimentos aos quais eles precisam ser submetidos muitas vezes se tornam “experiências traumáticas para esses indivíduos”.

As pesquisadoras evidenciaram que a tristeza e a saudade são os sentimentos mais marcantes nas expressões das crianças e adolescentes. Frases como “fico triste porque eu estou perdendo; no lugar de eu estar ganhando, estou perdendo.”

Demonstram a problemática que gira em torno da pedagogia hospitalar. Essas crianças e adolescentes não deveriam estar perdendo ou atrasadas no seu desenvolvimento. Sua condição não deveria se tornar um empecilho para a sua aprendizagem.

Estar fora da escola também significava para eles estarem excluídos de um espaço de troca e aprendizagem, aspectos que geravam saudade e ansiedade nessas pessoas. Nesse contexto, destaca-se que a continuidade do processo de escolarização dentro do hospital, além de ajudar a criança a superar esse período, contribui para que ela se sinta incluída na sociedade, reduzindo a sensação de estar sendo punida pelo fato de ter uma condição crônica de adoecimento. (FERREIRA, GOMES, FIGUEIREDO, QUEIROZ, PENNAFORT, 2013)

Nesse artigo, é possível verificar a necessidade de um olhar mais atento a essa demanda de crianças e adolescentes em situação de internamento. Pois quando eles são afastados se sentem diminuídos. As autoras relatam que é necessário discutir as carências existentes relacionadas ao processo de escolarização dessa demanda de estudantes.

Nessa perspectiva, destaca-se a importância de haver uma preocupação quanto a faixa etária e às capacidades cognitivas dos pacientes em relação ao processo de ensino-aprendizagem, bem como ao grau de escolaridade já vivenciado anteriormente, de forma que a escolarização no contexto hospitalar ocorra de maneira efetiva e com qualidade, abrangendo as necessidades específicas de cada criança e adolescente. (FERREIRA, GOMES, FIGUEIREDO, QUEIROZ, PENNAFORT, 2013)

O artigo 2 “As vozes das professoras na pedagogia hospitalar: Descortinando possibilidades e enfrentamentos”, de autoria de Zilmene Santana Souza e Carmem Lucia Artioli Rolim, trata-se de uma pesquisa que busca conhecer o processo pedagógico em um ambiente hospitalar. Diferente do artigo 1, esse deu voz as professoras atuantes nas classes hospitalares. As autoras obtiveram seus resultados por meio de entrevistas semiestruturadas.

Localizar a Pedagogia Hospitalar como fundamental para o desenvolvimento da criança hospitalizada revela um personagem de grande importância: a professora. Profissional que, no exercício da sua atividade, ao atuar no contexto do hospital, será deslocado do seu espaço rotineiro, a escola, para um ambiente em que a doença, a dor e a morte estão presentes. A professora estará diante da diversidade de fatores contraditórios que envolvem a criança em tratamento, vivenciando em seu fazer docente restrições impingidas pelo diagnóstico e pelo tratamento, mas também encontrará possibilidades na oportunidade de ensino e aprendizagem da criança. (SOUZA e ROLIM, 2019)

A partir do relatado anteriormente, as autoras desenvolveram as entrevistas com duas professoras que se disponibilizaram e aprovaram todo o conteúdo gravado pelas pesquisadoras.

Uma das professoras identificou certa resistência por parte da equipe médica e de enfermagem na liberação das crianças para o atendimento pedagógico. Nesse momento ela percebeu a necessidade de pesquisar mais para ter argumentos que validassem seu trabalho dentro do hospital. Ela relata que demandou tempo até conseguir essa liberação por parte da equipe médica/enfermagem. “Essa dificuldade fica evidenciada na ênfase dada pela professora ao destacar a necessidade de persistência, paciência, tolerância e a necessidade de muito diálogo das professoras com a equipe hospitalar.”

O hospital onde foi realizada a pesquisa trata apenas de crianças, por isso tem o atendimento educacional mais voltado para a educação infantil, desse modo elas discorrem muito sobre a importância da brinquedoteca nesse espaço.

A importância da criação das brinquedotecas em ambiente hospitalar traz em sua essência a finalidade do brincar e do socializar, destacando o olhar para o desenvolvimento da criança. Todavia, não podemos deixar de salientar que existem, na vida da criança, processos sociais e culturais, que envolvem o desejo de aprender e conhecer como movimento constitutivo do desenvolvimento humano, o que nos leva a pensar na garantia da continuidade do aprendizado escolar. (SOUZA e ROLIM, 2019)

As professoras dizem que no meio da rotina de tratamentos clínicos a criança vai perdendo sua identidade, essência e espaço. Com o funcionamento das brinquedotecas é possível trabalhar o lúdico com os brinquedos e propostas

dirigidas, mas principalmente promover à garantia da continuidade da escolarização e de forma indireta a redução dos medos e traumas.

Neste texto destaca-se que “A implantação da brinquedoteca é um passo em direção à garantia dos direitos do desenvolvimento pleno da criança, independente do espaço que ela vivencie; é caminhar na direção de propostas humanizadoras nos espaços hospitalares”. As professoras reforçam que o objetivo desse espaço e proposta é amenizar o sofrimento e ansiedade da criança e seu familiar. Não deixar que ela perca sua essência de criança e tenha esse direito tirado dela.

O artigo 3 “A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital” da autora Rejane De S. Fontes, vem novamente refletindo sobre a relevância do pedagogo hospitalar nesse diferente contexto da educação.

Essa corrente defende a presença de professores em hospitais para a escolarização das crianças e jovens internados segundo os moldes da escola regular, contribuindo para a diminuição do fracasso escolar e dos elevados índices de evasão e repetência que acometem frequentemente essa clientela em nosso país. (FONTES, 2005)

Ela enfatiza que a criança e o adolescente necessitam dessa garantia do seu direito de uma infância saudável, ainda que ligada a doença. Eles não deixam de ser quem são quando se tornam pacientes, e é função da escola ressignificar os momentos e espaços para que essa criança e jovem se sintam pertencentes.

Como a educação pode contribuir para a saúde da criança hospitalizada? Essa foi a questão central que norteou o desenvolvimento do presente estudo. A conclusão a que chego é que a escuta pedagógica atenta e sensível às demandas afetivas,, cognitivas, físicas e sociais da criança pode possibilitar a consolidação de sua subjetividade. (FONTES, 2005)

O trabalho do pedagogo e/ou professor dentro do ambiente hospitalar não ocorre de uma forma única. Esse profissional precisa se “reconhecer como pesquisador do seu fazer, buscando novas respostas para eternas novas perguntas.” (FONTES, 2005). Sem pesquisa a prática educativa se torna inalcançável, pois por meio dessa prática o docente proporciona o real papel da educação no hospital. O professor

concede à criança e ao adolescente a “compreensão daquele espaço, ressignificando não somente a ele, como a própria criança, sua doença e =suas relações nessa nova situação e vida.” (FONTES, 2005).

3. Conclusão

Neste artigo buscamos refletir sobre a pedagogia hospitalar e o papel do pedagogo neste contexto. Buscou-se no decorrer do estudo realizado além de definir qual deve ser a atuação do pedagogo neste espaço, também conhecer quais são as metodologias são adotadas por este profissional dentro desse ambiente atípico – o hospital – para a aprendizagem dos educandos hospitalizados.

Assim, após as leituras realizadas concluímos que a atuação do pedagogo hospitalar é garantindo que crianças e adolescentes estejam em um ambiente acolhedor e que os impulsionem a refletir sobre si, construindo novos conhecimentos que possa contribuir para uma compreensão ressignificada de sua existência. Os conteúdos curriculares se atrelam a essa vertente desde que o aluno/paciente esteja sentindo-se acolhido, ouvido e principalmente valorizado. A internação é um momento delicado na vida dessa criança/adolescente e suas famílias, por isso é necessária à sensibilidade de compreender cada processo que envolve esse movimento atípico do processo de ensino-aprendizagem.

E as metodologias utilizadas no ambiente hospitalar para garantir a aprendizagem do estudante envolvem primeiramente o acolhimento desses alunos/pacientes e suas famílias. Ambienta-los a nova rotina e realidade é necessário para que se ocorram maiores trocas e oportunidades de aprendizagem para o discente. Quando a criança e o adolescente é afastado da sua antiga rotina ele se sente diminuído, com baixa autoestima e isso reflete diretamente no seu interesse e vontade de aprender. Assim como nas escolas regulares, se sentir pertencente e reconhecido faz parte do processo. O pedagogo e professor precisam estar em constante evolução através de suas pesquisas (não diferentemente do profissional do ensino regular). A interdisciplinaridade se torna uma grande aliada desses profissionais, pois é possível fazer cronogramas e potencializar os horários disponíveis dentro da rotina apertada de tratamentos que o aluno/paciente é disposto. Mas ainda, assim como em tantas áreas educacionais, a formação

continuada é indispensável para a manutenção e potencialização da atuação desse profissional.

Em geral, a pesquisa realizada colaborou para que a pesquisadora, formanda em Pedagogia pudesse ressignificar o conceito de pedagogia hospitalar. Ela vai além de aplicar mecanicamente os conteúdos dentro do hospital para crianças e adolescentes doentes, ela significa compreensão e acolhimento das emoções, pois através desse ambiente atípico o pedagogo promove além do conhecimento, bem-estar físico e emocional.

Referências:

BARTINIK, Helena Leonir de Souza. **Gestão Educacional**. 1ª ed. Curitiba: Intersaberes, 2012.

FERREIRA, Mayara Kelly Moura et al. **Criança e adolescente cronicamente adoecidos e a escolarização durante a internação hospitalar**. Trabalho, Educação e Saúde, v. 13, n. 3, p.639-655, set. 2015.

FONTES, Rejane de S. **A escuta pedagógica á criança hospitalizada**: discutindo o papel da educação no hospital. Revista Brasileira de educação, n. 29, p. 119-138, maio 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2022.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar**: a humanização integrando educação e saúde. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

ROLIM, Carmem Lucia Artioli; SOUZA, Zilmene Santana. **As vozes das professoras na pedagogia hospitalar**: Descortinando possibilidades e enfrentamentos. Revista Brasileira de Educação, v. 25, n. 3, p. 403-420, jul. 2019.

SCHEIBE, Leda. **Pedagogia**. Disponível em: <
[https://gestrado.net.br/verbetes/pedagogia/#:~:text=Segundo%20Jaeger%20\(1986\)%2C%20a,termo%20e%20a%20problem%C3%A1tica%20pedag%C3%B3gica.>](https://gestrado.net.br/verbetes/pedagogia/#:~:text=Segundo%20Jaeger%20(1986)%2C%20a,termo%20e%20a%20problem%C3%A1tica%20pedag%C3%B3gica.>) . Acesso em: 23 de fevereiro de 2023.

SOARES, Kátia Cristina Dambinski. SOARES, Marcos Aurélio Silva. **Sistemas de ensino**: legislação e política educacional para a educação básica. 1ª ed. Curitiba: Intersaberes, 2017.

